

SEXTA  
DOMINGO

Edição de 25, 26 e 27 de Julho de 2008

• Ano X • Nº 1300 €1,50

Director: Pedro Santos Guerreiro

Directora-Adjunta: Luísa Bessa • Subdirectores:  
Helena Garrido, João Cândido da Silva

**Negócios positivos**

Os caiaques portugueses que ganham medalhas olímpicas Págs. 18 a 21

**Gadgets**

Brinque à Guerra das Estrelas weekend

**Trabalho**

Doutores procuram emprego na Europa Págs. 26 a 28

**Preguiça**

Encontros imediatos no mar da Polinésia Págs. 46 e 47

# Empréstimos para a casa ameaçam entupir tribunais

Dois milhões de contratos podem dar origem a queixas por arredondamentos abusivos Pág. 34

Entrevista exclusiva  
**Nuno Crato**

## Facilitismo na Matemática foi gravíssimo

**Críticas de quem é professor**

"O que se passou com os exames de Matemática foi das coisas mais graves em décadas na Educação", afirma Nuno Crato, o convidado desta semana de 'Tropa de Elite'. O facilitismo

foi um sinal gravíssimo que se vai pagar caro no futuro numa sociedade do conhecimento onde a educação é determinante para o desenvolvimento. **Weekend**

**Mercados**

## Investimento especulativo nas matérias-primas cai para metade

Pág. 35

**Energia**  
**Preço da luz vai baixar com novas medidas regulatórias** Págs. 16 e 17

**TGV**  
Manutenção e operação vai custar 192 milhões em 2015 Págs. 10 e 11

**Coimas mais altas**  
Ex-gestores do BCP podem ser inibidos por mais de sete anos Pág. 12

**20.000**  
**Tarifas Especiais**

Viaje com uma agência que oferece vantagens em hotéis de 146 países.

**BCD** travel  
Nº1 em Viagens de Negócios.

Tel: +351 21 322 10 06 / Fax: +351 21 322 10 90  
e-mail: comercial@bcdtravel.pt  
www.bcdtravel.pt



WEEKend

## automóveis

Citroën C5  
Tourer com bons  
argumentos

## livros

Um olhar sobre  
a guerra do BCP

*os gostos ainda se discutem*

# Nuno Crato

**O que se passou com  
os exames de Matemática**

foi das coisas mais graves  
em décadas na Educação



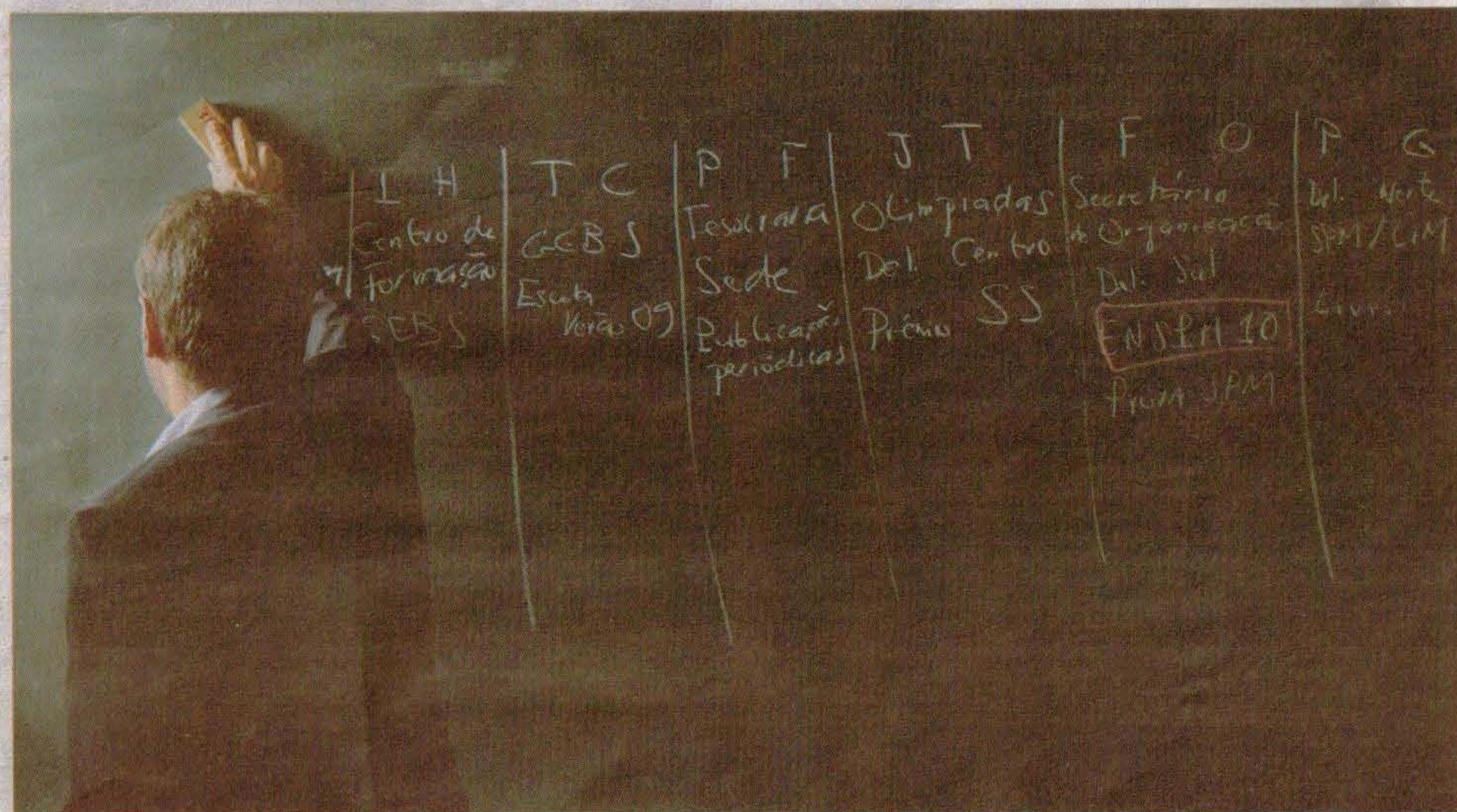
**tropa de elite** **nuno crato**

O falta de exigência nos exames de Matemática “é capaz de ser das coisas mais graves que se fizeram nos últimos anos na Educação em Portugal”. Foi um caso “gravíssimo” porque deu à sociedade portuguesa “o sinal de que não vale a pena ser exigente”. O oposto do que é exigido pela actual sociedade do conhecimento e pelos desafios que se colocam a Portugal.



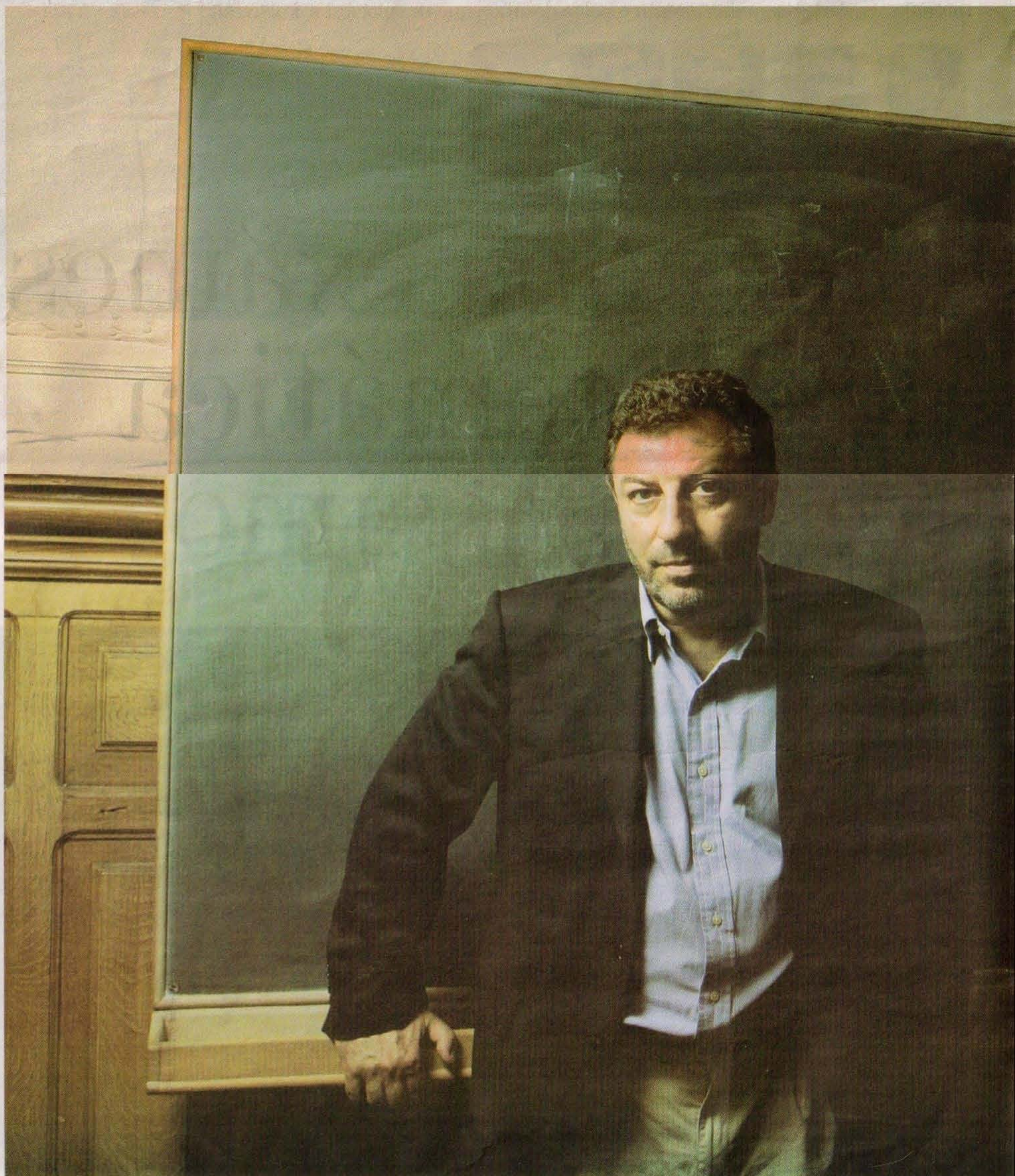
Por Pedro Santos Guerreiro, Helena Garrido, Jorge Marrão e José Maria Brandão de Brito  
Fotografia Miguel Baltazar

# Caso dos exames de Matemática foi gravíssimo

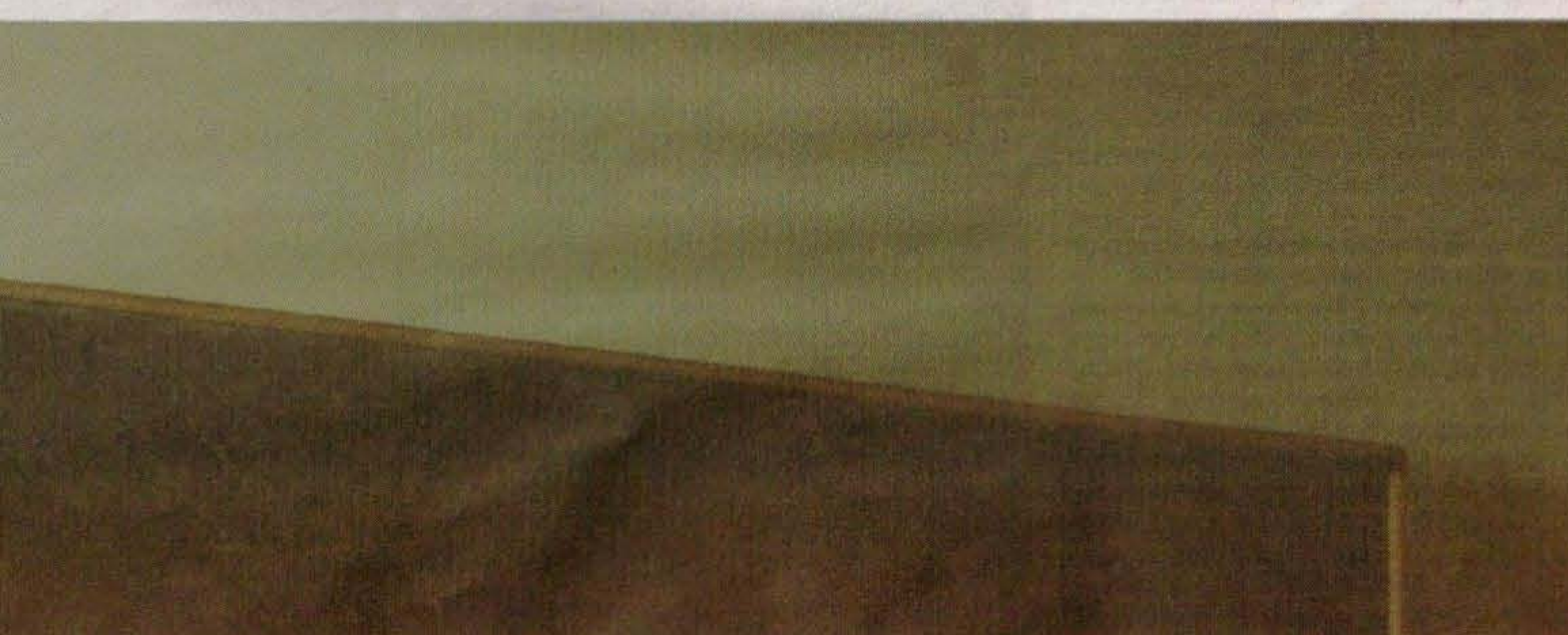




## **tropa de elite**    **nuno crato**







## perfil Um economista na matemática

Costumamos ouvi-lo na Rádio Europa em "Três minutos de Ciência". Ou lê-lo no 'Expresso' ou ainda conhecer a sua avaliação crítica sobre a educação em Portugal no seu livro "Eduquês em discurso directo". É Nuno Paulo de

### Como observador que é como vê Portugal?

Começo com uma história. Quando regressi a Portugal depois de ter estado quase 15 anos nos Estados Unidos, adorei. Passei pelo menos dois anos quase em estado de graça. Por observar que o país tinha evoluído muito e pelo gosto de fazer coisas que durante muitos anos não fiz, desde comidas até rever amigos... Depois comecei a tornar-me um pouco mais céptico... Agora atingi um equilíbrio, conheço o país, tem coisas boas e más.. Claro que há sempre coisas que nos irritam. Todos nós gostaríamos de mudar certas coisas em Portugal. Mas é que é muito difícil mudar, como em qualquer país.

### O que gostava mais de mudar?

Gostava que Portugal fosse um país mais aberto. Que as pessoas pudessem dizer as coisas mais abertamente, sem se pensar que se está com segundas intenções. Que se pudesse discutir filosofia e política sem se pensar que são escolas de pensamento rivais para dominar posições nas universidades. Que a vida cultural fosse mais intensa. Que o Estado tivesse um papel menor na nossa vida, que existissem menos separadores nas auto-estradas e nas ruas. Uma das coisas que me faz impressão é que quando se sai da auto-estrada e se entra numa estação de serviço. Conduzem o carro dogmaticamente estalinístico-salazaristicamente por veredas minúsculas... Em vez de se entrar para um

Gostava que Portugal fosse um país mais aberto. (...) Que se pudesse discutir sem se pensar que se está com segundas intenções.

Temos a ideia que tem de haver um ministro [da Educação] iluminado com um gabinete iluminado que vai resolver os problemas do ensino em Portugal.

O Ministério da Educação devia controlar menos os processos e avaliar melhor os resultados.

espaço aberto. E, se por acaso se engana, volta a entrar na auto-estrada e terá de andar mais 40 quilómetros. Claro que é uma imagem...

### É o país dos muros...

É... o País dos murinhos.

É também muito atento à educação. Porque é que a opinião pública está normalmente contra as políticas educativas? São armas de arremesso político ou defeitos estruturais...

Há vários problemas. Quando saí de Portugal nos anos 80, fiquei muito chocado com o ensino nos Estados Unidos. O nível da licenciatura era muito fraco e na pós-graduação extremamente elevado. Quando regressi percebi que Portugal estava pior. Os alunos que entravam aqui nas universidades estavam piores que os alunos que eu recebia nos estados Unidos. Comecei depois a perceber que existiam motivos. A primeira razão é que temos a mania que os problemas do ensino vão ser resolvidos na 5 de Outubro [onde fica o Ministério da Educação]. Temos a ideia que tem de haver um ministro iluminado com um gabinete iluminado que vai resolver os problemas do ensino. E que a 5 de Outubro é a dona do ensino em Portugal. Penso que devíamos ter uma atitude bastante diferente. Devíamos confiar na 5 de Outubro ou noutra instituição qualquer para a avaliação externa do sistema en-

sino e ter programas bastante precisos apontado objectivos essenciais. Uma das coisas que mais me espantaram foi a grande discussão que houve se as aulas deviam ser de 90 minutos ou de 50 minutos. O Governo não tem nada a ver com isso! Daqui a 20 anos vamos rir-nos com esta discussão. Não tem sentido absolutamente nenhum, nenhum, nenhum... [O Ministério da Educação] devia definir meia dúzia de coisas básicas e fazer exames bem feitos. Controlar menos os processos e avaliar melhor os resultados. Sabemos que é assim que funciona na gestão. Ninguém vai dizer: 'primeiro aperta o parafuso com a mão esquerda e depois com a direita'... O tipo diria: 'deixe que eu é que sei apertar o parafuso. Diga quanto quer que eu aperte. São 50'?

### É um atestado de menoridade ou de falta de confiança em quem gere as escolas?

Felizmente tenho bastante liberdade porque estou no ensino superior. Se estivesse no secundário sentir-me-ia bastante diminuído pela falta de liberdade. Acho que as pessoas sempre pensaram que o Ministério devia definir o programa, o horário... Nem sequer se questionam. O nosso país é muito dependente do Estado. Não é nada de inovador o que estou a dizer. Mas as pessoas, quando pensam em qualquer coisa, dizem logo: 'devia legislar-se sobre isto, ou sobre aquilo'... Instalou-se uma simbiose - entre técnicos su-

Sousa Arrobas Crato, licenciado em Economia com doutoramento em Matemática Aplicada da Universidade de Delaware nos Estados Unidos. Hoje é professor do Instituto Superior de Economia Gestão (ISEG), ainda que a maioria das pessoas o conheça pelo que nos vai contando sobre o estado da ciência. Entre outros cargos, assume actualmente a presidência da Sociedade Portuguesa de Matemática. De raciocínio cartesiano, como se diz ser, tem opiniões sem medo.



## tropa de elite nuno crato

periores do Ministério da Educação e departamentos de educação das universidades e escolas superiores de educação - de pessoas que têm "a verdade". Têm a verdade que aprenderam há 30 ou 40 anos, aquilo que chamo a pedagogia romântica e construtivista, uma sobrevalorização do Piaget, dos aspectos lúdicos e um menosprezo pela avaliação dos estudantes... Essa ideologia instalou-se e não há debate. Esta opinião, que é quase monolítica em Portugal, e que tenta dominar a educação a partir da 5 de Outubro, não existe nos Estados Unidos. Aquele livro que escrevi, sobre o eduquês, teve aquele impacto porque dentro do meio educativo muita gente não ousa discordar. Muita gente falou comigo e disse-o, que pensava assim mas nunca tinha tido a coragem de escrever. Diziam-me: 'sabe, isto aqui é muito complicado', - outra frase típica portuguesa. Agora, porque foi esta a ideologia que dominou e não outra?... Não sei explicar.

### Qual é o papel do professor no quadro dessa ideologia, que é uma ideologia "anti-racionalista"...

Estou completamente de acordo com isso. Muita gente olha para esta ideologia romântica e construtivista como sendo uma ideologia de esquerda. Acho que não é, é uma ideologia transversal e existem exemplos de nichos de Direita ou pessoas que foram levadas pela Direita para o Governo que fazem exactamente a mesma coisa.

### O Prof. Roberto Carneiro, por exemplo?

Por exemplo. Há uma grande confluência entre o pensamento de Roberto Carneiro e o pensamento de Ana Benavente, que vêm quadros partidários completamente diferentes. Não pensemos que isto é a Direita contra a Esquerda. É um determinado pensamento pedagógico, que na minha opinião está completamente ultrapassado, que sempre foi irracionalista e que foi abarcado por muita gente por causa deste país pequenino em que é bom dar-mo-nos todos bem e em que começa toda a gente a pensar mais ou menos da mesma maneira quando surgem estas ideias. E os que estão contra são ostracizados.

### E como é que se sente o professor?

O professor sente-se mal. A maioria dos professores, com quem eu tenho falado sobre isto, diz-me que se sentiu, durante muito tempo, oprimido. Porque lhe diziam para fazer uma série de coisas que ele não percebia nem achava realista fazer. E que agora está a perceber que não fazem mesmo sentido.

### Quer dar um exemplo?

Por exemplo, diziam-lhe que se os alunos não gostavam de Matemática, a culpa era dele porque não a tornava motivante. E o professor sentia-se mal. O problema é muito mais complexo do que torná-la motivante, isso só por si não resolve o problema. Mas na realidade, acho que esta ideologia nunca foi aplicada na sala de aula. Ela faz o professor sentir-se mal, muitos professores tentam aplicá-la mas nunca foi realmente aplicada. Mas isso não interessa, porque conseguiu desorganizar o ensino. Porque conseguiu retirar objectivos de exigência ao ensino, introduzir nos programas uma série de erros pedagógicos graves, acabar com os exames, com a avaliação. E

conseguiu desorganizar a actividade dos professores.

### Isto não faz com que estejamos a entrar na sociedade do conhecimento às arrecuas?

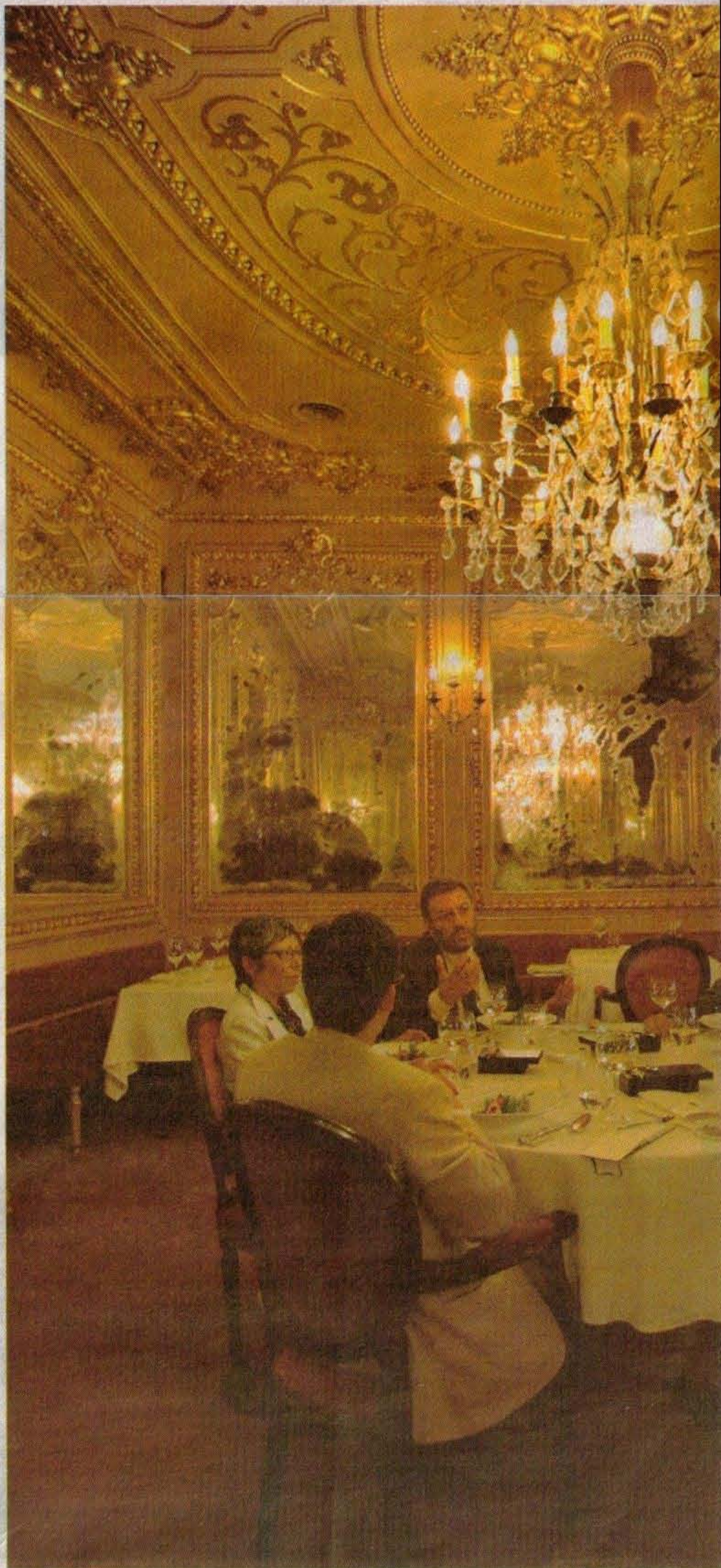
Penso que sim. Estamos a entrar no século XXI em marcha-atrás. É cada vez visível que, para um País como o nosso, é necessária mão-de-obra altamente qualificada. Estamos a enfrentar desafios brutais por parte de países que jamais acharíamos que nos iriam ameaçar, como a Índia. Estamos a enfrentar uma série de problemas que só é possível resolver com educação. A questão essencial em que o Estado pode intervir em Portugal é na educação. Há muitos aspectos em que o Estado é praticamente impotente. Por exemplo, pode destruir a economia mas construir não pode. Na Educação, pode ter algum papel positivo se fizer aquele pouquinho que é traçar objectivos exigentes, fazer uns programas mínimos exigentes - claros, precisos, curtos mas exigentes - e promover a existência de sistemas de controlo da avaliação dos conhecimentos dos alunos também exigentes. Mas nada disto está a ser feito, estamos a perder uma oportunidade imensa. O caso recente dos exames fáceis de Matemática enquadra-se nisto. Daqui a dez anos, somos capazes de olhar para o que se passou nos exames este ano e pensar que foi das coisas mais negativas que aconteceram na Educação nas últimas décadas. O que aconteceu este ano nos exames é potencialmente uma das coisas mais negativas na Educação de décadas.

### Porquê?

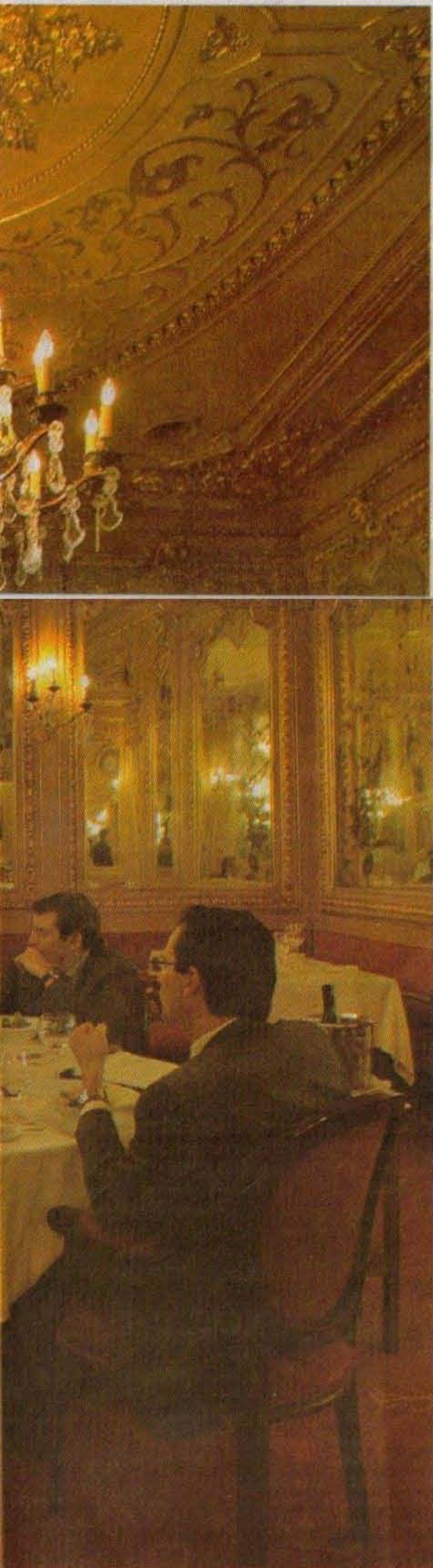
Porque o que foi dito aos jovens este ano foi que não vale a pena estudar mais que os mínimos. Foi dito aos melhores que não vale a pena trabalharem muito porque não vão destacar-se. E isso é mau, pois quando damos oportunidade aos melhores de se destacarem, todos vão atrás. À partida, a melhoria dos melhores permite a melhoria de toda a gente. O que se vai passar agora no nosso País, se se mantiver este tipo de avaliação, é que os estudantes vão reagir contra os professores que são mais exigentes dizendo que "não vale a pena, pois eu já percebi que, para passar de ano bastam-me os mínimos". Isso pode ser extremamente negativo para o nosso País. Se isto se mantém assim, é altamente preocupante, por tudo o que vem a seguir.

### O que vem a seguir?

O que vem a seguir a estes exames é que as pessoas vão partir do princípio que é sempre assim e portanto os do Ensino Básico vão entrar no Secundário convencidos que é sempre assim; os do Secundário vão entrar na Universidade convencidos que é sempre assim; e o País vai ficar com a ideia de que afinal isto é tudo muito fácil, que a Matemática, as Ciências, afinal é tudo muito fácil, não é preciso estudar muito. Até depois o País não produzir. O que acontece depois é que não temos técnicos para produzir, para dirigir empresas, para criar software, etc. O que se passou foi gravíssimo e espero que o Governo arrepie caminho. Mas é difícil. O Governo enfiou-se nisto, defendeu estes resultados, se agora for fazer exames mais exigentes para o próximo ano, os resultados vão baixar e nenhum Governo quer baixar resultados em ano de elei-







O que se passou este ano com os exames de Matemática foi de uma gravidade que só vamos perceber ao longo dos anos.

Ensino para todos, tão bom quanto possível – mas isso naturalmente vai fazer com que uns sejam melhores que outros. Paciência.

ções. O que se passou este ano foi de uma gravidade que só vamos começar a perceber ao longo dos anos.

#### **Não é possível que seja um epifenómeno?**

Não é um epifenómeno. É de uma grande gravidade que já vinha sendo anunciada, de há uns tempos para cá, através de pequenas subidas. Por exemplo, no ano passado deu-se mais meia-hora no exame de matemática do 12º ano. À partida, dar mais meia-hora não tem grande problema. Mas destrói a comparabilidade de exames. O conhecimento não é uma coisa pura e independente do tempo. Se não souber fazer contas de multiplicar e tiver de multiplicar 56 por 22 em dez minutos para o fazer, faço uma soma. Se me derem um dia inteiro até faço com feijões. O tempo é parte do conhecimento.

#### **Esse foi então um dos pequenos sinais por onde começou.**

Começou pelo tempo dos exames, pela mudança de conteúdos. Há obviamente mudanças nos critérios, nos tempos, no grau de dificuldade das perguntas e na maneira de redigir perguntas. À pergunta se está claramente organizado e premeditado nesse sentido, não tenho dúvidas disso. Não quero atribuir intenções a ninguém, mas está à vista que tudo caminhou para facilitar os exames.

#### **As famílias dos alunos querem exames difíceis?**

Uns sim, outros não. Esse é um problema real. Todos os professores dizem que são raros os pais que aparecem na escola para pedir aos professores maior exigência. É o país que temos. Mas também há pais que dizem o contrário: “O meu filho não sabe nada. O que é que se passa nesta escola?”.

#### **A ministra disse que a política da Educação é para inserção, não é para a selecção. Concorda?**

Não. Se queremos todos os carros a andar à mesma velocidade, só temos uma maneira de o fazer: é fazer com que o BMW ande à velocidade do Fiat 600, não conseguimos pôr o Fiat 600 à velocidade do BMW. É preciso lutar para que a velocidade média suba, para que todos subam. Mas todos subirem significa diferenças, que haverá uns que sobem mais do que os outros. Os estudos sobre Educação têm mostrado uma coisa muito curiosa: a boa educação aumenta as diferenças, aumenta as desigualdades de conhecimento. Que se traduz depois em rendimento. Mas há ainda outro aspecto: se pegarmos numa turma de alunos médios, quanto melhor for o ensino que dermos a essa turma, a todos, maiores são as diferenças de conhecimentos que se obtêm no final. Todos melhoram mas as desigualdades de conhecimento aumentam, há uns que aprendem muito mais. Portanto, se queremos que numa turma eles fiquem todos iguais, estamos a prejudicar todos. São estudos psicométricos praticamente unânimes no mundo inteiro.

#### **Então a palavra de ordem deve ser?...**

Ensino para todos, tão bom quanto possível para todos, mas isso naturalmente vai fazer com que uns sejam melhores que outros. Paciência. O ensino deve dar oportunidades para todos e deve fazer alguma pressão para que todos aproveitem as oportunidades.

#### **A cultura portuguesa pede o contrário, que qualquer coisa que se destaque seja penalizado?**

Talvez. Conhece a anedota dos caranguejos galegos? Aplica-se aqui. Um tipo vai à pesca e traz um balde de caranguejos. Um amigo diz-lhe: “o balde está destapado, os caranguejos vão fugir!” E ele responde: “não te preocupes, são caranguejos galegos. Quando um está quase a sair os outros puxam-no para baixo.” (risos) Mas não vale a pena sermos pessimistas, estas coisas mudam. Portugal já mudou imenso.

#### **A ministra da Educação, rompeu ou não com as teorias pedagógicas construtivistas?**

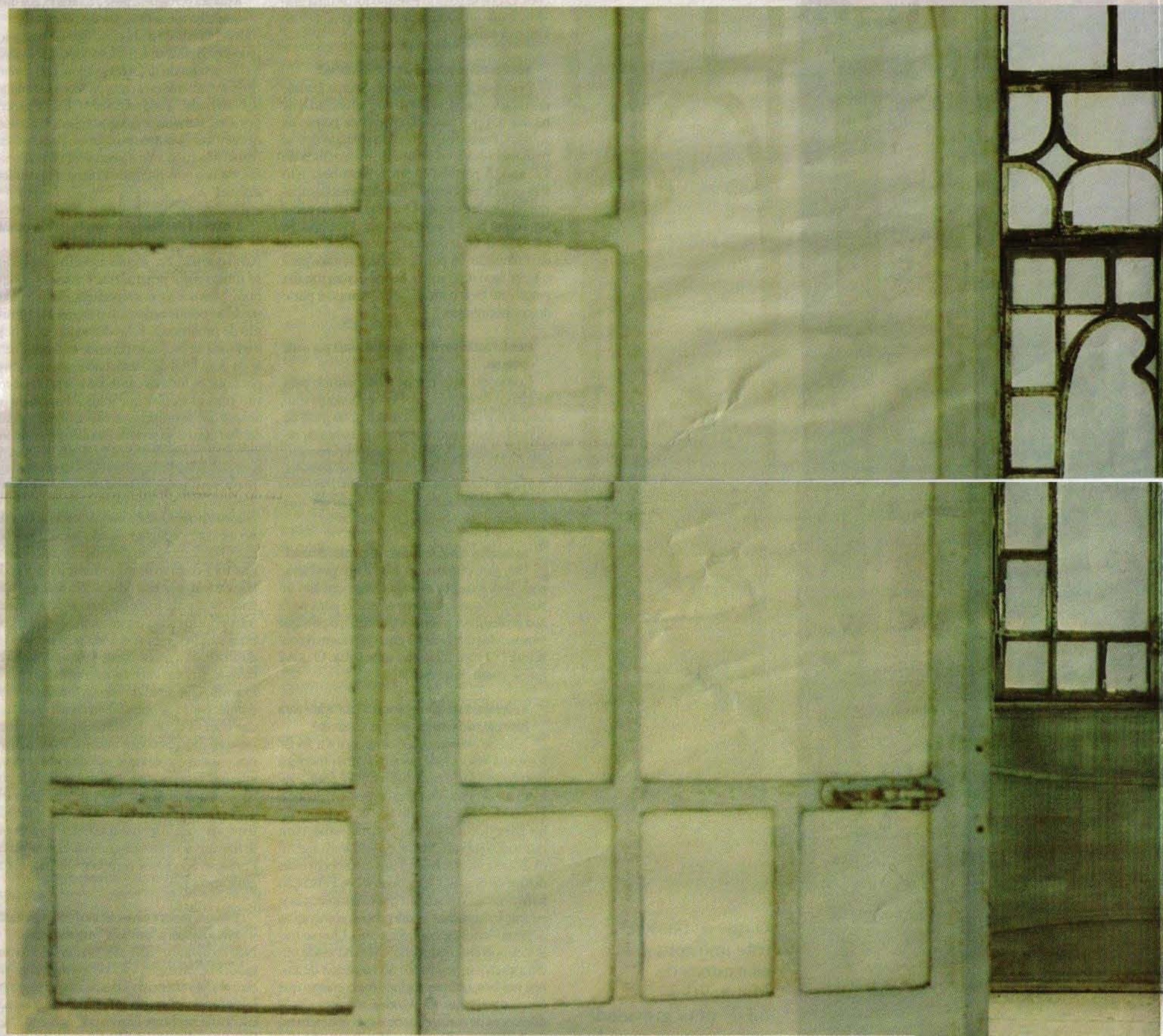
Acho que não. Em alguns aspectos, mostrou-se muito mais pragmática e isso foi muito bom. Mas nos aspectos pedagógicos não. Das medidas positivas destaco o exame de admissão de professores. É fundamental, pois hoje a entrada na profissão depende exclusivamente da nota final de curso. Isso é um incentivo para que os futuros candidatos a professores vão para as escolas que mais inflacionem as notas e que as próprias escolas as inflacionem. Acabar com uma série de escolas que eram inviáveis de ponto de vista económico mas também pedagógico é outra medida altamente positiva. Introduzir alguma avaliação dos professores também foi positivo, embora feita de maneira pouco hábil e muito burocrática. Mas no aspecto pedagógico, não mexeu nas coisas. O reajustamento do programa do Básico, que foi a coisa mais importante a nível pedagógico feito por este Ministério até agora, foi feito de acordo mais ou menos com os mesmos princípios do programa anterior. E com estes exames, estamos a ver o péssimo sinal dado a toda a gente. Neste momento já há escolas com notas internas inferiores às notas de exames. Que sinal dá isto às famílias? O seguinte: como as notas internas são ponderadas com as notas de exames para entrar na universidade, é melhor mandar os seus meninos para as escolas que inflacionem as notas internas. Estes exames deram à sociedade portuguesa o sinal de que não vale a pena ser exigente. Isto é gravíssimo. Estes exames de Matemática podem ser das coisas mais graves que se fizeram nos últimos anos na Educação em Portugal. Só vamos perceber isto daqui a alguns anos.

#### **Estamos sempre a romper modelos. Agora estamos a romper o “eduquês”, o que se segue?**

Não creio que o “eduquês” tenha sido já rompido. Por exemplo, vão ver os diplomas oficiais do Ministério da Educação que têm a palavra “ensinar” no documento. Até agora, não encontrei nenhum. Dizem coisas como “facilitar aprendizagens”, têm horror a “ensinar”. E vão ver os documentos recentes do programa do Básico e do Estatuto do Professor. Nem uma única vez aparece como sua função “ensinar”. Tudo isso é ainda reflexo desta filosofia “eduquesa” da 5 de Outubro. A ideologia está lá. Grande parte disto só resolve se esta medida da ministra de fazer testes aos professores for posta em prática. É uma excelente medida. Se os professores forem testados pelos seus conhecimentos científicos em vez de ser pelo seu domínio das teorias pedagógicas ultrapassadas, isso resolve-se. Se houver uma avaliação clara, sabemos o que está a funcionar bem e mal.



## tropa de elite nuno crato



### A crítica e... “o que é que ele quer?”

#### Porque há falta de elites?

O País é muito pequeno. As pessoas não têm o desassombro que é necessário para construir elites e uma vida cultural ... porque se dizem mal estão a dizer mal do primo. Há casos em que uma pessoa, por exemplo, é muito crítica de um primeiro-ministro e de repente desaparece da vida política e aparece mais tarde à frente de uma empresa. Há pessoas que interpretam isso assim: este está a fazer esta crítica porque quer aquele lugar. E já existe essa visão cínica. Quando alguém emite uma opinião começam todos a pensar: O que é que este tipo quer? Isto não permite uma vida cultural livre. Se estamos sempre a perguntar, muitas vezes com razão, “O que é que ele quer” não estamos a olhar para a ideia que ele está a defender.

### A liberdade e o caso da Matemática

#### Há falta de liberdade para criticar?

É verdade. Em relação a este debate da educação, foi um espectáculo muito deprimente. Saíram os exames. Eram muito simples. A Sociedade Portuguesa de Matemática fez um parecer muito moderado que começa por elogiar alguns aspectos positivos dos exames e depois diz que são demasiadamente fáceis, diz porquê e quais são as perguntas. É um parecer muito objectivo e moderado. E em seguida, o que eu ouço é a ministra da Educação exaltada na Assembleia da República pondo em causa a idoneidade das associações científicas que punham em causa os exames. E isto sem contar com o secretário de Estado, que é melhor nem falar, levou as coisas para um plano exagerado...





## a ementa

### Entrada

Legumes, frutos, flores, folhas, cogumelos e rebentos, assados, fritos, secos, salteados e crus com "soro" de queijo de Azeitão, óleo de avelã e muxama de atum dos Açores (inspirado no Gargouille de Michel Bras e na versão de Andoni Luis Aduriz).

### Prato principal

Robalo cozido no vapor de água do mar. Algas, salicórnia e percebes do Cabo da Roca.

### Sobremesa

Pastel de nata em mil-folhas com gelado de canela.

### Seleção de vinhos

Madrigal  
Casta : Viognier  
Vinho do Ribatejo ano 2007

# Mário Lino "fez pouco de todos nós"

**Não é curioso que ao fim de uma conversa longa tenhamos falado muito da ministra de Educação e nem uma vez do ministro do Ensino Superior? Que por acaso é cientista...**

O Ministério do Ensino Superior tem pouco a ver com isto. Felizmente, o ministro da Ciência e do Ensino Superior tem menos influência nas universidades do que a ministra da Educação nas escolas. A ministra da Educação até nas escolas privadas tem influência. Os mais ricos estão sempre bem. Houve um altura em que muita gente tirou os filhos das escolas públicas e pôs nas privadas. Agora está-se a passar outro fenómeno curioso: como mesmo as escolas privadas têm demasiada influência do Ministério, tiram-nos das escolas privadas e põem-nos nas escolas estrangeiras.

**Não é constrangedor que não haja uma universidade portuguesa entre as cem melhores do mundo?**  
Sim.

**Paulo Teixeira Pinto defendeu no outro dia na SEDES que se devia pegar nos terrenos e dinheiro do aeroporto e gastar tudo numa universidade de nível mundial.**  
Tenho uma outra proposta: não tirar de lá o aeroporto (risos).

**É contra o novo aeroporto de Lisboa?**

Não sei, não conheço bem o assunto, mas estou convencido que o Governo também não. O ministro Mário Lino andou a insultar toda a gente que punha em dúvida a Ota! Eu acho que esse senhor devia ser ridicularizado na praça pública pelo que fez. Insultou-nos todos, todas as pessoas que punham em dúvida a Ota. Acabou por ser derrotado, não foi escolhida a Ota e ele não se demitiu. Tivesse vergonha na cara. Todos os técnicos, todos os políticos que duvidavam foram insultados e ele depois mudou a localização. Esse senhor fez pouco de todos nós e mantém-se lá. É uma vergonha completa. E não pediu desculpa a ninguém. Se fosse à Assembleia da República e dissesse "desculpem, enganai-me, afinal parece que a Ota não é a melhor solução", toda a gente batia palmas, passava a ter a nossa credibilidade, que não tinha até então. Não fez isso. É dos casos mais inacreditáveis que se passaram nos últimos tempos na política portuguesa. Noutros países, não sei se o governo não teria caído com uma coisa destas. As pessoas têm de pôr a honra naquilo que dizem.

**O argumento do Governo é que defendia a melhor alternativa das estudadas. Não tinham estudado Alcochete.**

Incompetentes. Nunca tinham estudado? Incompetentes. Há sempre desculpas, por isso é que eu não gosto de políticas. A verdade é que o Governo insultou o povo inteiro, qualquer pessoa que levantasse a dúvida... E depois recuou. Recuou como? Tornou-se claro que ninguém estava de acordo com aquele local, que era preciso encontrar alternativas.